

A produção do espaço na cafeicultura: nota teórica sobre a história do capitalismo e da economia-mundo europeia a partir de suas cidades

TOSI, Pedro Geraldo.

O debate acerca das cidades não se restringiu às suas raízes sociológicas e às suas preocupações urbanísticas. No âmbito da historiografia francesa é necessário destacar a contribuição de Fernand Braudel: *O Mediterrâneo e o mundo Mediterrâneo* (1966), *Civilização material, economia e capitalismo* (1979) e *Identidade da França*, em que os temas sobre as cidades na antiguidade, no interlúdio feudal e no mundo moderno são temas recorrentes. São destaques em suas obras os capítulos sobre: *A Unidade Humana: rotas e cidades, cidades e rotas* na obra de 1966; o capítulo *As cidades*, no primeiro volume de *Civilização material economia e capitalismo: as estruturas do cotidiano* (1979); o capítulo, *Os instrumentos da troca*, no segundo volume – *Os jogos das trocas* (1979); bem como o capítulo, *As divisões do espaço e do tempo na Europa*, no terceiro volume – *O tempo do mundo* (1986) e, finalmente, o capítulo denominado *A coesão do povoamento: vilarejos, burgos e cidades* na obra sobre a *Identidade da França*, volume II, 1986.

O percurso intelectual de Braudel busca elucidar o capitalismo como fenômeno inerentemente europeu da era moderna e as cidades, com seus variados circuitos-conexões, suas dinâmicas e suas voltagens são o recorte temático com o qual o autor enfrentou-se por toda a sua vida e no qual elucidou inúmeras histórias de especializações, diversificações, hierarquizações, dominâncias e subordinações, avanços e recuos.

Braudel não deixou de tratar o tema relativo às cidades até mesmo em suas mais triviais contribuições. Em 1985, pouco antes de sua morte, em Châteauevallon, as Jornadas Fernand Braudel, ocorridas entre 18 e 20 de outubro, onde vários autores discutiram os três pilares de sua obra, justamente o *Mediterrâneo*, o *Capitalismo* e a *França*, tornaram-se memoráveis as suas apreciações sobre os mais variados temas e problemas de investigação e, em linguagem polida e solta, com a desenvoltura de um homem que tinha a certeza de ter contribuído com interpretações em assuntos ainda pouco refletidos até mesmo pelos intelectuais e pela academia.

Os problemas das cidades aparecem na obra braudeliana como lócus em que se delimitaram culturas, que balizaram civilizações, enquanto locais privilegiados para se promover somatória de culturas, como ambientes de unificação do humano em todos os seus dilemas e conflitos, doenças e epidemias, guerras e calmarias, abastecimentos e fomes, bem como instância de preservação política da dominação de grupamentos humanos em face de outras realidades não urbanas ou em face dos mercados e das feiras, dos serviços prestados e das produções obtidas.

Alguns de seus pressupostos teóricos e metodológicos encontram-se na obra *Escritos sobre História*, seleção de textos elaborada em 1969 e na qual reitera o tema do tempo e das temporalidades como objeto de particular reflexão do historiador. Estão contidos nessa obra debates e combates sobre: *Os tempos da História*, *A História e as outras Ciências do Homem e História e tempo presente*. Especialmente na última parte da obra, Braudel elucida o leitor sobre os pressupostos do historiador frente ao do antropólogo e, novamente, para estabelecer as diferenciações, as comparações e as escolhas de trajetória ele elege o estudo de Marvin Harris, *Town and country in Brazil* (1956), como alvo de análise.

Para o público brasileiro é significativa a contribuição de Braudel, que havia sido publicada nos *Annales ESC*, número 2, em abril-junho de 1959, (p. 325-336). Ao fazer uma leitura da contribuição de um autor americano baseado na antropologia, Braudel fala-nos de Minas Velhas, no Estado da Bahia, e afirma que Harris fez o trabalho corretamente, mas que os seus limites se evidenciavam na medida em que o autor, ao ancorar-se na antropologia, perdia o foco, pois a cidade não se explica de *per se*, mas também e, às vezes principalmente, pelas suas relações com o que lhe é externo, notadamente quanto ao que provém outra cidade – Vila Nova – e dos campos que as circundam, bem como da geografia e dos circuitos que as diferenciavam em seus aspectos físicos e humanos e, sobretudo, das diferentes temporalidades e dos diferentes ritmos que as acometiam. Portanto, um passado que explica o presente e que não se explica tão-somente no presente e nem tampouco pela antropologia, mas com ela e com o concurso de todos os conhecimentos das outras ciências do homem.

Podemos compreender, então, o significado da seleção de textos de 1969 ter aduzido capítulo quinto da *Encyclopédie française, t.XX*, “O porvir do mundo (História,

evolução e prospecção), Paris, editora Lorusse, 1959. No texto denominado A História das civilizações, o passado explica o presente, Braudel nos elucida sobre a diferenciação conceitual e sobre o surgimento de dois termos complementares, sobrepostos e plenamente predispostos a confusões: Civilização e Cultura. Para o autor a contribuição da História se faz na confluência de caminhos e descaminhos entre as ciências do homem. Entre hesitações e avanços, mas sobretudo por meio do diálogo e como forma de ruptura entre as especialidades e que, para além do passado, a História enfrenta-se com um presente prenhe de permanências, de resistências decorrentes das civilizações e de aspectos culturais de longa duração. Portanto, diante da sobrevivência das diversidades de dos processos unificadores pelo mundo impõe-se uma nova transcendência, que supere polarizações disciplinares, ou seja, os estudos do capitalismo e da cidade em particular requerem uma nova modalidade de fazer conhecimento humanístico, enfim um novo humanismo, ou um novo campo das ciências do homem, que englobe civilizações e culturas. As cidades representam neste cenário uma temática que reúne todas as dimensões do humano e do vivido, do passado e do presente, portanto, com problemas de hoje e que podem, para um futuro a se resolver, demandar o ofício do historiador enquanto artífice desse entrecruzamento de dimensões e intérprete dessa teia de relações.

Neste sentido, a contribuição recente da historiografia francesa sobre as cidades e sobre o ambiente rural que lhe confere origem ora se parece alinhar aos ditames ecológicos da Escola de Chicago – como em George Bertand *“Pour une histoire écologique de la France rurale”* (Duby & Wallon 1975), ora parece resvalar numa discussão sobre a formação do capitalismo depurada da luta de classes e radicada nas sensibilidades coletivas, nas imagens, nos grupos sociais e nas representações e na vida cotidiana.

A noção da cidade como cenário de possibilidades no sistema mundial moderno

Incluir influências, rejeitar tendências, enfim, problematizar o vivido eis aí uma problematização da cidade e do urbano que não se restringe ao debate historiográfico. Neste sentido, é bastante original a contribuição de Immanuel Wallerstein. Na obra O Sistema mundial moderno: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo européia no Século XVI, v.I e em O mercantilismo e a consolidação da economia-mundo européia, 1600-1700, v. II; Wallertein descreve ao leitor uma trajetória intelectual iniciada no final

dos anos 1950 e que principiou como um estudo da mudança social, portanto, um estudo no campo da sociologia.

O autor reconhece, primeiramente, que a marca divisória mais saliente da história da humanidade é a da criação do mundo moderno. Reconhece, todavia, a limitação de vertentes teóricas da sociologia quando se trata de descrever e explicar as diferenciações sociais e as mudanças a elas associadas.

Depois de uma série de indagações que envolveram um percurso de problematização sobre a sociedade européia, sobre sociedades fora da Europa, e após uma sucessão de adoções e abandonos de temáticas que sustentassem uma reflexão que fosse compreensiva, o autor revela que partira das classes sociais e da luta de classes, percorreria os mesmos assuntos do ponto de vista dos grupos sociais e dos grupos de status, e incluíra uma apreciação dos partidos e da dominação política, bem como tencionara desvelar o processo de formação da sociedade e do Estado Moderno, sem, contudo, lograr conferir coesão dos pontos que levantava para análise no campo teórico em que se punham.

Desse ponto de vista, coincidente com os pressupostos da Escola de Chicago sobre o Urbanismo e sobre História das Cidades, Wallerstein decide que o problema da mudança social não se põe em unidades analíticas que não reúnem força explicativa para respondê-lo. A indagação sobre a mudança social no mundo moderno não se põe em unidades restritivas e que reduzem a abrangência do problema, portanto, caberia a ele doravante investigar a mudança social dentro do escopo de um sistema social e que este sistema deveria ser o sistema mundial.

Assim, a temática da História das Cidades aparece, na obra de Wallerstein, não de forma indireta, mas como parte diretamente relacionada a um amplo esforço de análise dos elementos determinantes do sistema mundial da Idade Moderna. Um sistema em que as fronteiras entre: economia, ciência política, sociologia, antropologia e história acabam sendo divisões ancoradas em uma concepção liberal do Estado e na sua relação com setores funcionais e geográficos da ordem social. Seu sentido se esgota no âmbito das organizações e, na medida em que voltados predominantemente para a produção de pesadas narrativas, distanciam-se das quantificações, das verificações e resultam em grandes desistências no enfrentamento dos problemas. Assim, a crítica de Wallerstein direciona-se para os trabalhos

que têm desistido de empregar as quantificações como forma de verificação e que se valem de formulações de problemas de modo que o emprego da quantificação não seja indicado.

A mudança social, no âmbito do sistema mundial, reitera a necessidade de se considerar o histórico enquanto campo que permite a articulação e o entrecruzamento dos campos do conhecimento, bem como se vale das contribuições de Fernand Braudel no sentido de reparar conceitos evitados por ele e que foram oriundos da obra de Karl Marx. Assim, Wallerstein promove uma criativa adequação da leitura e da reflexão em torno da obra braudeliana à temática da evolução capitalista inerentemente desigual e combinada, incluindo as dimensões complementares de zonas periféricas, semiperiféricas e das áreas centrais, além é claro, de zonas externas em crescente processo de inserção.

São extremamente homólogos os tratamentos conferidos pelos dois autores à questão das cidades capitalistas centrais e dominantes nos circuitos de valorização da riqueza, na problemática da divisão internacional do trabalho e, não menos importante, no seio da formação dos Estados Fortes dos Centros hegemônicos cambiantes em períodos cíclicos de longa duração do sistema capitalista.

A diferença específica fica por conta da análise de Wallerstein baseada na era Moderna como uma época marcada e não dissociada da formação e transformação do capitalismo e dos Estados Nacionais, com suas dimensões complementares em termos das posições no processo de valorização da riqueza e como móvel principal de conflitos e das mudanças no sistema mundial, enquanto para Braudel o foco principal está na busca de uma tipologia que relacione as abrangências das economias-mundo e a tendência à centralidade das cidades capitalistas e na qual ocorrem dominações mais ou menos completas e hierarquizações em circuitos absolutamente identificáveis. Para Braudel, a cidade é fruto de um amplo processo de generalização de trocas desiguais. Quanto a esses desnivelamentos e ausências de contra-partidas ele afirma que os economistas desprezam em excesso a evolução histórica e que a História, sem sombra de dúvidas teve, desde cedo, algo a dizer.

Apesar do edifício conceitual braudeliano ser ancorado no ofício de compulsão documental do historiador, apesar de sua obra ser enormemente reveladora, não há como não notar que, enquanto ele enfatiza as relações mercantis da chamada economia-mundo capitalista – reduzindo o Estado a um obstáculo a ser contornado, um peso a ser distendido,

Immanuel Wallerstein enfatiza a presença do Estado como uma configuração que se interpenetra ao mercado ideologicamente no plano interno e pelas relações de força no plano externo. Para ambos, as perspectivas são semelhantes, as nuances são distintas e as cidades são o palco para o qual convergem física e moralmente todos esses movimentos acima descritos, como que articulando as esferas de convivência da era moderna.